

1935 – um a opinião pessoal
ou “1935, distorções dos fatos
e adulteração de documentos”.

* Luiz Gonzaga Cortez.
segunda-feira, 14 de fevereiro de 2005

Oriundo e educado numa família católica e integralista, desde menino ouvia comentários sobre a cognominada intentona comunista de 1935. Ouvia relatos de parentes próximos que participaram da luta contra a revolta na Serra do Doutor (aos 15 anos, levado por um tio, fui ver o local do célebre tiroteio) e de outras pessoas que estavam em Natal entre os dias 23/27 de novembro de 35. A minha bisavó, dona Zefinha, ficava nervosíssima quando nós, garotos sapecas, imitávamos os ruídos de metralhadoras atirando. Ouvi muitas “estórias” sobre pessoas que enriqueceram com os despojos e dos dinheiros abandonados pelos líderes do movimento na Vila Cincinato, na praça Pedro Velho, assim como também de relatos verídicos sobre os acontecimentos. Mas isso é outra história...

O fato é que eu resolvi pesquisar sobre a chamada intentona por volta de 1984, já com quase 35 anos de idade, incentivado por dois editores do Diário de Natal, Manuel Barbosa e Carlos Jorge. O diretor geral do jornal, Luiz Maria Alves, autorizou a publicação das matérias após ler a primeira da série. O mesmo que autorizou foi o mesmo que guilhotinou o seu prosseguimento, em dezembro de 1985. Mesmo assim, tivemos oportunidade de publicar relatos de testemunhas, participantes e sobreviventes daqueles acontecimentos que hoje os comunistas do PC do B estão reverenciando. A investigação nos propiciou o conhecimento das versões distorcidas e mentirosas da historiografia oficial sobre o movimento de 35.

A revolta dos militares do 21 Batalhão de Caçadores de Natal, única unidade do Exército no Estado, foi conseqüência da luta política local, da demissão de policiais civis e de dezenas cabos e soldados. O clima era de conspiração geral e os comunistas se aproveitaram da situação política caótica para darem o golpe. Foram derrotados e os seus principais adversários não foram os militares da Polícia Militar do Estado, mas os sertanejos de vários municípios do Seridó, principalmente de Parelhas, Carnaúba dos Dantas, Caicó, Currais Novos, Acari, entre outros, tendo à frente diversos integralistas que, vestidos com camisas-verdes atiraram e jogaram bombas nos veículos dos revoltosos que pretendiam tomar a cidade de Caicó. Os revoltosos saíram de Natal para dominar o Seridó, sem um pelotão de reconhecimento na vanguarda de suas tropas, o que representou um erro primário e fatal para a derrocada do movimento no interior.

A respeito da Serra do Doutor, conseguimos desmontar o edifício de mentiras que erigiram em torno desse tiroteio, não somente sobre a não participação no mesmo de políticos proeminentes no Seridó e no Estado, desmascarando a existência do “General da Serra do Doutor”. Também descobrimos que o então delegado de polícia de Currais Novos foi o responsável pela prisão e execução de diversos militares que pretendiam tomar Caicó.

Também constatamos uma grotesca adulteração no relatório policial sobre a revolta comunista em Natal, elaborado pelo delegado Enock Garcia e concluído quase seis meses depois, no qual ele não citou a existência de mortes no interior do quartel da Polícia Militar, entre os dias 23 e 27 de novembro de 1935. O relatório foi publicado em 1937 e nele não havia nenhuma referência ao suposto soldado Luiz Gonzaga de Souza. O “herói” criado anos depois pelos vitoriosos.

Comandado e executado por militares do Exército, sargento, cabos e soldados ligados ao Partido Comunista do Brasil-PCB, com a colaboração e participação efetiva de civis – operários, funcionários públicos, estivadores, sapateiros, etc -, dentre eles elementos do caféismo e partidários de Mário Câmara, interventor derrotado por Rafael Fernandes e o Partido Popular, o movimento insurrecional foi precipitado, portanto, sem coordenação e sem planejamento adequados. Não obedeceu ordens do Partido, de Prestes e dos enviados da Internacional Comunista, com sede em Moscou.

A documentação existente sobre aquele período comprova que até elementos do Partido

Popular, como o foi o caso de Alfredo Mesquita e Paulo Teixeira, em Macaíba, andaram armados e defendendo o governo comunista na vizinha cidade. Mais tarde, eles disseram que pensavam que era um movimento para derrubar Getúlio Vargas. (João Maria Furtado, no seu livro Vertentes, publicado em 1975, assegura o fato, jamais desmentido. Em 1997, Paulo Teixeira, sem desmentir que andou armado, disse, rindo, que João Maria Furtado tinha exagerado...) O mesmo ocorreu com o vendedor de jornais, Gastão Nunes, cafeísta, que chegou a comandar uma pequena tropa fardada e armada em Natal durante os três dias do Governo Popular Revolucionário. Por isso, ele passou quase 10 anos preso, inclusive no Rio de Janeiro, na companhia de nomes importantes da insurreição que se pretendia nacional, como bem retrata Graciliano Ramos, em Memórias do Cárcere.

A Igreja não aderiu ao movimento, mas ficou omissa e há informações de que o vigário de Caicó abrigou rebeldes foragidos na igreja local, o que causou irritação no coronel Juvenal Lamartine de Faria, ex-governador da província do Rio Grande do Norte. Decorridos 66 anos da revolta vermelha, um doente mental que perambulava nos arredores do quartel da polícia e comia restos de comida da soldadesca foi transformado em herói e nome da principal comenda do Governo do Estado do Rio Grande do Norte. As elites políticas dominantes não gostam mesmo da verdade histórica, preferindo reverenciar um doido que morreu baleado na lama do mangue da Salgadeira ou Passo(ou Paço?) da Pátria pelo tiro certo de Sizenando Filgueira. Prefiro ficar ao lado dos que reverenciam os que tomaram na defesa de um ideal, dos direitos de Ter um emprego, uma vida digna, da solidariedade humana, do que ao lado dos pusilânimes, dos que executaram presos amarrados, dos que adulteraram documentos oficiais para alterar a verdade histórica.

*Luiz Gonzaga Cortez é jornalista



www.dhnet.org.br